

APRESENTAÇÃO

Para tratar da temática **Línguas e culturas em contato**, a revista *Caderno de Letras* nº 53 apresenta estudos e pesquisas que refletem a complexidade de um tema que dialoga com diversas disciplinas, tais como a linguística, a antropologia, a história, a literatura, a geografia, a psicologia, entre outras. Cada situação de contato é única, social e individual, e é delimitada pelo contexto de aquisição das línguas e pelo seu uso em diferentes situações de comunicação que podem provocar fenômenos de manutenção, perda e/ou revitalização das línguas envolvidas.

Para a abertura desta edição, o professor Xoán Lagares entrevista Dante Lucchesi, autor que recebeu o prêmio Jabuti de 2016 com o livro *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. Lucchesi é um dos principais nomes da história linguística do país. Seus trabalhos analisam os efeitos do contato do português com as línguas africanas e indígenas nas atuais variedades da língua portuguesa em uso no Brasil. Durante a entrevista, Lucchesi apresenta as propostas teóricas que utiliza para abordar a relação entre língua e sociedade, bem como o arcabouço crítico que utiliza para articular a constituição do português brasileiro ao processo econômico-social de formação da nação brasileira. Ao discorrer sobre a ideologia e contraideologia no debate social sobre a língua, nos brinda com temas de extrema relevância para a área dos estudos de contato.

Os artigos selecionados para compor o dossiê foram reunidos a partir de três perspectivas: (a) uma perspectiva geo-histórica; (b) uma perspectiva geopolítica, na qual emergem, entre outras, as questões identitárias; e, finalmente, (c) uma perspectiva política educacional.

Para iniciar os trabalhos reunidos no dossiê, convidamos o linguista Louis-Jean Calvet, uma referência nos estudos sociolinguísticos. Calvet destaca que as relações de contato entre as línguas sempre foram marcadas pelo conflito, e propõe discutir o contato a partir da situação sociolinguística do mundo considerando três tipos diferentes de configuração: a gravitacional, baseada no sistema de bilinguismo, a genética, baseada no parentesco entre as línguas, e a configuração política – esta última, como uma reação aos efeitos

da globalização. O linguista explica cada uma destas configurações, revisitando o conceito de geopolítica das línguas que foi lançado pelos geógrafos e geopolíticos Yves Lacoste e Béatrice Giblin, em um artigo da revista *Hérodote* que tinha por tema as línguas regionais e minoritárias e suas relações com as línguas nacionais. O autor salienta que, na análise das situações de contato linguístico, não basta saber em que territórios as línguas são faladas e que relações elas, as línguas, mantêm com outras línguas desse mesmo território; é preciso investigar também que relações essas línguas dominantes mantêm com outras línguas dominantes. No texto a seguir, Leonardo Kaltner nos apresenta o contato linguístico através da história do uso e do ensino de latim no contexto do humanismo renascentista português e sua influência no Brasil quinhentista, como instrumento de colonização linguística para a América portuguesa. Kaltner apresenta o contexto de colonização linguística que se desenha no Brasil do século XVI, através da análise de documentos, a fim de que possamos refletir acerca do desenvolvimento linguístico numa perspectiva histórica, ou seja, refletir sobre o processo de colonização linguística que se instituiu como política para o estabelecimento da colônia, a fim de se efetivar a posse do território e iniciar a produção de açúcar. Fechando esse primeiro ciclo de abordagens, temos o trabalho de Sousa e Maranhão sobre os arabismos europeus no português brasileiro. Os autores nos apresentam uma longa lista de arabismos utilizados correntemente com o intuito de reiterar a importância da língua árabe na constituição do léxico da língua portuguesa. Essa presença é decorrente de diferentes momentos históricos do contato entre os povos, desde os muçulmanos na Península Ibérica medieval, passando pela expansão ultramarina portuguesa e pela importação de mão de obra oeste-africana islamizada pelo Brasil escravagista. Os autores mostram que, embora numericamente expressiva, os dicionários nem sempre documentam ou reconhecem a presença dos arabismos no léxico do português.

Nos trabalhos reunidos na perspectiva geopolítica, apresentamos os estudos que tratam do contato linguístico em contextos de fronteiras, contextos de minorias linguísticas e contextos de imigrantes. Começamos esse bloco pelo trabalho de Sturza e Tatsch, que trata do contato linguístico na fronteira sul. As autoras abordam o portunhol da região do Pampa, no Rio Grande do Sul, e enfatizam que a fronteira, além de configurar um espaço social e político particular, materializado nas práticas linguísticas dos falantes, é também uma

fronteira geopolítica, social e cultural que afeta o modo como os sujeitos se relacionam com as línguas às quais estão expostos. De um extremo geográfico ao outro, apresentamos, na sequência, o trabalho de Kelly Nascimento Day, que trata do contato linguístico da fronteira norte do Brasil. O trabalho de Day preconiza uma política linguística para a região baseada nos vínculos sócio-históricos entre o Amapá e a Guiana Francesa.

No artigo de Ponço, o contato no espaço multilíngue moçambicano é *analisado* sob o viés metodológico da etnografia. A autora nos mostra os estatutos atribuídos às línguas autóctones moçambicanas do tronco bantu e ao português, língua do ex-colonizador. Rocha, por sua vez, se apoia na literatura, mais precisamente no romance *Pluie et vent sur Têlumée Miracle* da escritora guadalupense Simone Schwarz-Bart, para investigar as marcas de identidade crioula em uma região também marcada pelo processo de colonização.

Arantes, Deusdará e Rocha apresentam sua experiência de ensino de PLE em um contexto de contato intercultural. Os autores discutem as bases para a elaboração de materiais didáticos para o ensino de PLE, em um projeto que tem como foco os imigrantes haitianos no Rio de Janeiro. Os pesquisadores reforçam que o ensino/aprendizagem de língua portuguesa ocorre por meio das práticas linguageiras observadas através do contato com o outro, e apontam que essa discussão deve ser mais explorada no âmbito da formação de professores.

Dando sequência às reflexões sobre políticas linguísticas para o ensino de PLE, e sob o viés teórico da Análise do Discurso, Giachini, Petri e Brust comparam as condições de produção nos séculos XIX e XX com o processo mais recente de migração haitiana, no século XXI. Os autores destacam que, salvaguardando o que distancia tais processos migratórios, todos os grupos provêm de um espaço enunciativo marcado pela disputa, cujas fronteiras não se caracterizam por serem geográficas, mas historicamente constituídas.

Kontanze Jungbluth propõe um estudo comparativo entre dois contextos de descendentes de imigração: os alemães no Brasil e os gregos na Geórgia. A autora analisa o uso linguístico de jovens pertencentes a esses grupos para saber como ele difere da prática dos seus pais e avós. No trabalho de Souto, o contato linguístico entre o português do Brasil e o alemão é analisado a partir de comunidades virtuais. A autora adota os conceitos de *durabilidade*, *permea-*

bilidade e liminalidade para observar a permeabilidade da fronteira linguística entre essas duas línguas.

À luz do Paradigma da Complexidade, as autoras Tereza Tayná Coutinho Lopes e Marília Ferreira apresentam uma reflexão sobre a identidade do povo parkatêjê, considerando-a como um sistema complexo, em permanente reconstrução, posto que marcado pelo contato linguístico com outros grupos, indígenas ou não. Na mesma temática de contato linguístico e identidade, mas sob a ótica dos Estudos Culturais, Lehmann aborda a constituição identitária os sujeitos bilíngues. Em seu artigo, a autora salienta as complexidade e tensões envolvidas na questão da identidade em sujeitos que utilizam duas ou mais línguas.

Encerrando esse bloco, Neto, Mendes e Mozzillo destacam o papel do sujeito bilíngue partir da análise de excertos de Michel Eyquem de Montaigne (1533 – 1592). Os autores nos mostram como Montaigne posicionava-se, naquela época, de forma positiva em relação à prática do bilinguismo, e que o predomínio do plurilinguismo sobre o monolinguismo existe desde os tempos quinhentistas.

Iniciamos o bloco que trata do contato inserido em políticas educacionais com o artigo de Reseda Streb que apresenta o método pedagógico da imersão recíproca para comunidades bi/plurilíngues, que tem como proposta central a igualdade de duas línguas e culturas parceiras. Streb nos apresenta como é a aplicação deste método na prática e discute quais os desafios e as vantagens que ele traz para o processo de aprendizagem. Dando sequência ao tema, Luana Rocha analisa duas políticas linguísticas para o ensino de língua estrangeira implementadas na cidade de Niterói. A autora apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativo-descritiva para avaliação de determinada política linguística implementada para a formação de professores e discute neste contexto a violência nas escolas. Ainda tratando de políticas educacionais, Angela Corrêa Ferreira Baalbaki analisa, a partir de uma posição discursiva, um relatório do Ministério da Educação (MEC) sobre política linguística de educação bilíngue para surdos. A autora verifica como é construída a relação do sujeito surdo com os vestígios de uma memória de **língua interdita** e o modo de inscrição em uma materialidade simbólica específica, a da Língua Brasileira de Sinais (Libras), em relação à Língua Portuguesa. Nessa mesma perspectiva, Verônica de Oliveira Louro Rodrigues discute os direitos linguísticos de valorização da

Libras e da Língua Portuguesa dentro do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), comparando o Plano de Desenvolvimento Institucional com a Declaração Universal de Direitos Linguísticos de 1996 e com as principais políticas públicas do país voltadas para esse grupo minoritário.

Finalizando os trabalhos deste bloco, dois artigos tratam do ensino de línguas estrangeiras. O artigo de Albuquerque propõe analisar, à luz da sociolinguística interacional e da pragmática, como o elogio excessivo é avaliado pelos alunos falantes de espanhol no contexto de ensino de português brasileiro como segunda língua. No artigo de Joice Armani Galli e Lorena Santos, discutem-se políticas linguísticas para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. As autoras propõem uma reflexão com base em uma articulação entre poder público, formação superior e sala de aula, sob a perspectiva de língua enquanto prática social de interação.

Na seção *Vária* apresentamos dez artigos não temáticos, que foram encaminhados ao longo de 2015-2016, nas áreas de Estudos de Linguagem e Estudos de Literatura. Na primeira área destacamos diversos textos que tratam da problemática da formação do sujeito leitor e discutem a importância do leitor na esfera da produção literária. Outra assunto abordado trata do é a do funcionamento discursivo no/do corpo, onde as autoras revelam a presença de valores sociais e ideológicos congruentes à cultura de um povo, a partir de discursos veiculados na mídia *online*. Fechando este bloco, numa perspectiva gramatical de uso das preposições portuguesas, a um abordagem ecolinguística é discutida a partir da Ecologia das Relações Espaciais (ERE). Para os estudos de Literatura destacamos o texto de autoria de Thierry Goater que trata de Thomas Hardy (1840-1928), um dos mais conceituados romancistas da era vitoriana e autor de *Far from the Madding Crowd*, *The return of the native*, *The mayor of Casterbridge*, *Tess of the d'Urbervilles* e *Jude the obscure*.

Encerrando o número 53 dos *Cadernos de Letras*, Orison Marden Bandeira de Melo Júnior nos oferece a resenha do livro *Luso-american literature: writings by portuguese-speaking authors in North America*, publicado em 2011 pela New Brunswick, NJ: Rutgers University Press.

Os temas tratados neste número dos *Cadernos de Letras* são relevantes para os interessados em estudos sobre bilinguismo, políticas linguísticas e línguas em contato, dando voz a pesquisadores alinhados a diferentes abordagens

teóricas, fato que enriquece a abordagem do tema aqui proposto. Assim, convidamos o leitor a descobrir o complexo e enriquecedor campo dos estudos e pesquisas sobre línguas em/de contato, esperando que, ao final da leitura, novas reflexões sobre o tema possam surgir e direcionar estudos futuros.

Mônica Savedra

Telma Pereira